

4.04.03 – Enfermagem Pediátrica

**TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES HOSPITALIZADOS: ESTUDO EXPERIMENTAL**

Joslaine Bicicgo Berlanda<sup>1\*</sup>, Bruna Tyciane Muller Narzetti<sup>2</sup>, Samuel Spiegelberg Zuge<sup>3</sup> Crhis Netto de Brum<sup>4</sup>

1. Acadêmica em Enfermagem, Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS/SC), **Bolsista**.
2. Enfermeira. Residente da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC/SC).
3. Doutor em Enfermagem. Docente da Universidade Comunitária da Região de Chapecó.
4. Doutora em Enfermagem. Docente da UFFS/SC, Orientadora.

**Resumo**

No decorrer do processo de hospitalização acerca da assistência em pediatria e hebiatria, a equipe de enfermagem em consonância com a equipe de saúde exerce papel essencial para minimizar os efeitos negativos da internação, portanto, é necessário o desenvolvimento de métodos que possibilitem torná-la uma jornada minimamente traumática aos envolvidos. A partir disso, considera-se a realização da Terapia Assistida por Animais (TAA) como aliado nesse processo, tornando-se assim, um recurso lúdico que objetiva proporcionar uma experiência benéfica ao paciente e seus familiares, transfigurando uma assistência humanizada e menos estressante.

Assim, esse trabalho discorre sobre a comparação dos parâmetros vitais de crianças e adolescentes hospitalizados que receberam a TAA com os que receberam os cuidados rotineiros desenvolvidos pelas unidades pediátricas.

**Autorização legal:** Número do Protocolo CEP/UFFS: 2.996.051 e Protocolo CEUA: 23205.005096/2016-77.

**Palavras-chave:** Hebiatria; Pediatria; Cinoterapia.

**Apoio financeiro:** PIBIC/UFFS Edital nº640/GR/UFFS/2017.

**Trabalho selecionado para a JNIC:** UFFS Campus Chapecó - SC.

**Introdução**

O reconhecimento do elo entre humanos e animais tem estimulado inúmeras pesquisas, e, nas últimas décadas se reconhece o aumento do interesse sobre a repercussão de atividades e terapias mediadas por animais com objetivos educacionais, de reabilitação física e/ou social e na promoção de saúde e bem-estar das pessoas. Sabe-se que a participação de animais em programas terapêuticos tem uma longa história, porém sua documentação e organização é relativamente nova. De acordo com Beck e Katcher, a precursora da Enfermagem, Florence Nightingale em 1860 já defendia a ideia de que o animal é um excelente recurso lúdico para auxiliar no processo de cura (Farraco et al, 2015).

A hospitalização na infância e no percurso da adolescência, majoritariamente, está atrelada a uma representação paradoxal, que, por vezes é interpretada como um processo necessário para cura, enquanto também é permeado por um estigma de dor e sofrimento (Cruz, 2016). Nessa perspectiva, o adoecimento da criança representa uma experiência potencialmente estressora, o que se deve principalmente a diversas mudanças de rotina e ao afastamento do conforto da família, podendo interferir diretamente na projeção de autoconfiança, autoestima e autocuidado durante o enfrentamento da hospitalização (Lima; Barbosa; Monteiro, 2015).

Dessa forma, a equipe de saúde tem um importante papel no processo de hospitalização sendo capaz de desenvolver e empregar estratégias para torná-la menos traumática, beneficiando pacientes, acompanhantes e a própria equipe de saúde sobre o desenvolvimento de um plano de cuidado individualizado e humanizado, que possam proporcionar momentos de descontração, a fim de promover um paradigma norteado pela saúde e não pela doença (Kobayashi et al, 2009), assim, justifica-se portanto, a importância da inserção de métodos singulares para a melhoria da assistência em saúde, especialmente de crianças e adolescentes hospitalizados.

Portanto, objetivou-se com esse estudo, comparar os parâmetros vitais de crianças e adolescentes hospitalizados que receberam a TAA com os que receberam apenas o cuidado rotineiro desenvolvido pelas unidades pediátricas.

**Metodologia**

Este trabalho consiste em um estudo do tipo experimental, piloto, segundo modelo pré-teste e pós-teste que ocorreu em dois Hospitais da região Oeste de Santa Catarina, onde, um é referência na atenção à saúde

em pediatria (saúde do recém-nascido e da criança) e hebiatria (saúde do adolescente e do jovem), ambos com desenvolvimento da TAA há mais de dois anos. Assim, participaram da pesquisa doze crianças e adolescentes de um a 14 anos de idade de ambos os sexos.

Para tanto se abordou os seguintes parâmetros de inclusão: pacientes pediátricos e hebiátricos que estivessem vivenciando alguma condição crônica de saúde. Quanto aos parâmetros de exclusão: pacientes pediátricos e hebiátricos em isolamento de contato e protetor; com precauções de aerossóis e gotículas e que demonstrassem algum sentimento de negação a presença de um cachorro. Os dois grupos evidenciados na presente pesquisa foram denominados de: grupo experimental e o grupo controle. O grupo experimental recebeu a intervenção de uma interação com o cachorro, sendo denominada de TAA, totalizando oito crianças ou adolescentes. Os cachorros utilizados no grupo experimental já eram utilizados pelas instituições, a qual realizavam, semanalmente, atividades de cinoterapia. Já o grupo controle recebeu apenas os cuidados rotineiros das unidades os quais foram quatro crianças ou adolescentes. Nesta pesquisa consideraram-se os cuidados rotineiros utilizados pela equipe de saúde, seja aferição da pressão arterial, banho, administração de medicações, entre outros, esse grupo não entrou em contato com o cachorro. Desta forma nos dois grupos, foram avaliados os parâmetros vitais (pressão arterial sistólica e diastólica, frequência cardíaca, frequência respiratória e saturação de oxigênio) e observado as características comportamentais da criança ou adolescente.

No grupo experimental, após 15 minutos desta avaliação foi realizado a TAA, com duração de 15 minutos. Após o período de uma hora da primeira avaliação, foram avaliados novamente os parâmetros vitais e observado as características comportamentais. No grupo controle, foram avaliados os mesmos parâmetros vitais e observado as características comportamentais da criança ou adolescente. Após uma hora, repetiu-se a avaliação.

A digitação dos dados ocorreu, duplamente, no programa Epi-info®, versão 3.5, a fim de evitar inconsistências. Após foi utilizado o programa PASW Statistics® (Predictive Analytics Software, da SPSS Inc., Chicago - USA) 18.0 for Windows. Para as variáveis quantitativas foi utilizada análise estatística descritiva, se distribuição normal e se distribuição assimétrica. Para as variáveis qualitativas fez-se a distribuição das frequências absolutas. Para a avaliação do efeito pré e pós-teste foi utilizado o t para dados pareados. A presente pesquisa atendeu os preceitos éticos da Resolução 466/2012 bem como da Comissão de ética com uso de animais da Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Chapecó.

## Resultados e Discussão

Participaram do estudo doze crianças e adolescentes. Destas, oito participaram do grupo experimental (grupo que participou da TAA) e quatro do grupo controle (grupo que manteve os cuidados rotineiros de saúde, sem o uso da TAA). Sobre a faixa etária dos participantes, no grupo experimental foram: uma criança de um ano, uma de três anos de idade, outra de sete anos, duas crianças de oito anos, uma de dez anos e dois adolescentes de 13 e 14 anos de idades. No grupo controle as idades foram: um participante de dois anos, outro de três anos, de sete e dez anos. Quanto ao sexo, no grupo experimental quatro eram do sexo feminino e quatro do masculino, e no grupo controle, três do sexo feminino e um do masculino. Em relação à escolaridade da população, houve predomínio do ensino primário: quatro crianças, e três cursavam o ensino fundamental, os demais ainda não frequentavam instituições de educação infantil.

Quanto ao número de diagnósticos clínicos, no grupo experimental, cinco crianças apresentaram este diagnóstico, e os outros três participantes encontravam-se acometidos por uma condição crônica de saúde: pneumonia. Já, no grupo controle, houve predomínio de doenças oriundas de patologias traumáticas nos quatro participantes. Dos participantes do grupo experimental, quatro estavam vivenciando o processo de hospitalização pela primeira vez bem como no grupo controle, três participantes encontravam-se nessa mesma condição, vivenciando a primeira internação hospitalar.

Ao realizar o pareamento dos parâmetros vitais do grupo experimental e grupo controle, pode-se observar que não houve mudanças significativas em relação aos dois grupos. No entanto, destaca-se que em relação à média da frequência cardíaca entre os dois grupos, no grupo experimental observou-se uma tendência de redução de 2,07 batimentos cardíacos por minuto maior do que no grupo controle.

Em relação à pressão sistólica observou-se que o grupo controle apresentou uma tendência de aumento de 1,57 mmHg em relação ao grupo experimental. Já a pressão diastólica no grupo controle manteve-se igual antes e depois, no entanto, no grupo experimental apresentou uma tendência de redução de 1,43 mmHg.

Em referência à frequência respiratória, no grupo experimental houve uma tendência de redução de 1,68 movimentos por minuto em relação ao grupo controle. Já a saturação de oxigênio, os dois grupos apresentaram uma tendência de redução dos parâmetros, no entanto, no grupo controle esta tendência de redução foi de 1,25% e no grupo experimental foi de 0,15%.

Ao realizar o pareamento estatístico antes e depois no grupo experimental, não foi possível identificar correlação significativa entre nenhum dos parâmetros vitais. No entanto, ao identificar tais valores, pode-se afirmar que todos os parâmetros tendem a melhorar após a TAA. Da mesma forma, ao realizar o pareamento antes e depois no grupo controle, não foi identificada correlação relevante entre nenhum dos parâmetros vitais. Quanto à pressão diastólica não houve correlação, uma vez que os dados antes e depois permaneceram iguais. Entende-se que os demais parâmetros melhoraram no período de uma hora. Somente destaca-se que os parâmetros saturação de oxigênio neste período de uma hora estabilizaram quando comparados ao valor

inicial.

Assim, ao avaliar a eficácia da TAA crianças e adolescentes hospitalizados, percebeu-se que frente aos dados apresentados, não houve diferenças entre o grupo experimental e grupo controle. Ou seja, não foi possível observar concomitância expressiva entre os grupos avaliados.

Contudo, corroborando com os dados anteriormente apresentados, um estudo realizado por Friedmann et al, (1983 apud CHELINI, OTTA, 2016, p37), cujo participaram criança entre nove e 16 anos de idade, no qual elas permaneciam sentadas, lendo, ao lado de um cão, apresentaram diminuição significativa nos valores de pressão arterial e frequência cardíaca, quando comparado a mesma situação.

Outro estudo, conduzido por Odendaal (2000) observou e documentou uma importante queda na concentração de cortisol sanguíneo após o contato de humanos com cães, além de um aumento nas concentrações de neurotransmissores como a ocitocina, dopamina e endorfina tanto no homem como no cão. Constatou então, que estas respostas fisiológicas são alcançadas de 5 a 24 minutos após o início da interação com o cão, e confirmando que esta elevação nas concentrações de hormônios do bem-estar traz efeitos positivos ao organismo de ambos.

Esta é uma informação relevante para condução de uma TAA, mostrando que os efeitos fisiológicos benéficos desta ação são observados rapidamente e assim, não haveria a necessidade de longas sessões, mas sim de uma frequência maior de encontros (ODENDAAL, 2000). Nessa perspectiva, os animais desviam a atenção da dor e ativam um mecanismo de pensamentos confortantes em relação ao companheirismo, trazendo assim emoções agradáveis.

No que se refere à observação, no grupo experimental foi possível observar que os animais promoveram a socialização e estimularam à comunicação. Ainda, evidenciou-se que, após a interação com o cachorro, as crianças e adolescentes, apresentaram-se mais distraídas, alegres e comunicativas, relatando como positiva a experiência de receber um animal no ambiente hospitalar. Além do diálogo, a intervenção demonstrou efetivamente um relaxamento dos participantes que, ao primeiro contato encontravam-se agitados, queixosos e chorosos, pois alguns se encontravam em tratamento de determinada condição crônica, outros, ainda, irritados com a situação de restrição ao leito.

Quanto ao grupo controle, ao primeiro contato, três das quatro crianças encontravam-se na sala de recreação disponível no setor, interagindo entre si. Não se mostraram abertas para o diálogo, mas colaboraram para a avaliação, enquanto o quarto participante encontrava-se restrito ao leito devido a sua condição de saúde, e se distraía assistindo desenho animado. No segundo momento, se observou uma alteração comportamental nos três primeiros participantes já citados. As crianças apresentaram-se mais alegres e satisfeitas em comparação com o primeiro contato. Isso pode ser devido à situação em que, os mesmos receberam alta médica momento antes de se realizar a segunda avaliação dos parâmetros vitais.

Assim, os resultados mostraram que a visita dos animais é uma experiência muito prazerosa para crianças e adolescentes hospitalizados. O alívio da dor e do desconforto foi um benefício constatado neste estudo, seja pelo fato de que os animais atuaram como estratégia de distração para a criança, fazendo-a esquecer da dor, ou simplesmente por trazerem descontração ao ambiente, aliviando a tensão e a ansiedade.

Diante disso, aponta-se que TAA promove o bem-estar alegria e maior descontração diante do fato de estarem hospitalizadas (PEREIRA, et. al.; 2017). Ainda, apresentaram-se mais comunicativas e demonstram prazer em brincar com os cães, indo de encontro com a premissa de que a TAA reduz a dor física e emocional em crianças que apresentam dor e desconforto em pós-operatórios (SOBO, ENG, KASSITY-KRICH, 2006). Naturalmente, enfatiza-se que após o contato com o animal, os participantes apresentaram uma melhora significativa de comportamento quando comparado ao início da intervenção.

## Conclusões

A partir do estudo pode-se constatar que, no grupo experimental, a idade prevalente foi de oito anos, com nível de escolaridade de ensino primário e ensino fundamental. Em relação ao diagnóstico clínico principal identificou-se o trauma em grande parte dos participantes. No grupo controle a faixa etária variou em dois e dez anos, e o sexo predominante foi o feminino. Quanto à escolaridade o ensino primário foi preponderante, e sobre o diagnóstico clínico o trauma foi a patologia dominante.

Inicialmente não houve correlações significativas entre os dois grupos do estudo. No entanto, em relação às observações de comportamento pode-se constatar que, no grupo experimental a interação com o cachorro estimulou a comunicação e trouxe mais alegria e distração para as crianças, promovendo relaxamento e alívio da dor. Já no grupo controle, em virtude de os participantes receberem alta hospitalar, observou-se uma exaltação de comportamento, em que as crianças apresentaram-se mais animadas em razão de estarem voltando para casa.

O estudo apresentou algumas limitações acerca do tamanho da amostra, pois foi relativamente pequena, o que pode explicar a ausência de correlação significativa entre os grupos. Justifica-se tal limitação pela carência de crianças ou adolescentes internados que consentiram em participar da pesquisa atrelada ao tempo de internação. Assim, há necessidade de analisar um grupo maior de participantes para encontrar resultados mais expressivos. Neste sentido, pressupõe-se que a Terapia Assistida por Animais contribui de forma significativa para promoção do bem estar de crianças e adolescentes hospitalizados, bem como todos os envolvidos.

## Referências bibliográficas

- BECK AM, KATCHER AH. **Future directions in human-animal bond research.** *Am Behav Scient.* 2003;74(1):79-93.
- CRUZ; DANIEL DIAS. **A inserção do palhaço no ambiente hospitalar: experiências de um projeto de extensão.** Em *Extensão: Uberlândia*, n. 1, p. 133-140, jun. 2016. Consultado em 19 de mar. de 2019 através de [http://www.seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/31110/pdf\\_1](http://www.seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/31110/pdf_1)
- KOBAYASH, CASSIA TIEMI; USHIYAMA, SÍLVIA TIEMI; FAKIH, FLÁVIO TREVISAN; ROBLES, ROSELI A. M.; CARNEIRO, IEDA APARECIDA; CARMAGNANI, MARIA ISABEL SAMPAIO. **Desenvolvimento e implantação de Terapia Assistida por Animais em hospital universitário.** *Rev Bras Enferm: Brasília.* v. 62, n. 4, p. 632-636, agosto de 2009. Consultado em 13 de mar de 2019 através de <http://www.scielo.br/pdf/reben/v62n4/24.pdf>
- LIMA; MAYANNY DA SILVA, BARBOSA; FRANCISCO ALISSON DA SILVA, MONTEIRO; LUANA DE MOURA. **A importância do lúdico à criança hospitalizada: Revisão Integrativa.** *Portuguese Reon Facema: Maranhão*, n. 2, p.139-142, dez. 2015. Consultado em 16 de mar. de 2019 através de <http://www.facema.edu.br/ojs/index.php/ReOnFacema/article/view/54/35>
- ODENDAAL, J.S.J. **Animal - assisted therapy - magic or medicine?** *Journal of psychosomatic research.* v.49, n.4, p.275-280, 2000. Consultado em 18 de mar de 2019.
- OTTA, Emma; CHELINI, O. M. Marie. **Terapia assistida por Animais.** São Paulo, Manole, 2016. Consultado em 12 de mar de 2019
- PEREIRA, VIVIANE RIBEIRO. **Intervenções Assistidas por Animais com crianças em contextos de vulnerabilidade social: utilizando o método photovoice.** Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Dissertação de Mestrado. Pelotas, 2017. Consultado em 22 de mar de 2019 através de <https://wp.ufpel.edu.br/pgenfermagem/files/2017/03/Disserta%C3%A7%C3%A3o-Viviane-Ribeiro-Pereira.pdf>.
- SOBO EJ, ENG B, KASSITY-KRICH N. **Canine visitation (pet) therapy: pilot data on decreases in child pain perception.** *J Holist Nurs.* 2006;24(1):51-7. Consultado em 11 de mar de 2019. doi/10.1177/0898010105280112n